

Kjersti Annesdatter Skomsvold

**QUANTO MAIS
DEPRESSA ANDO,
MAIS PEQUENA SOU**

Tradução de João Reis

 Συελøια Σditora

Título: *Quanto mais depressa ando, mais pequena sou*
Título Original: *Jo fortere jeg går, jo mindre er jeg*
Autor: Kjersti Annesdatter Skomsvold
Tradução: João Reis
Revisão: João Reis e Natália Reis
Conceção gráfica: Susana Lima
Impressão: Nova Lello
1ª edição: outubro de 2011
Tiragem: 1000 exemplares
Copyright © 2009, Forlaget Oktober A/S
Todos os direitos reservados para a Língua Portuguesa por:
© **Eucleia Editora**, 2011
Vila Nova de Gaia
T: 922259792
eucleia.editora@gmail.com
<http://eucleiaeditora.com>
ISBN: 978-989-8443-13-7
Depósito Legal: 333584/11

De acordo com a legislação vigente, o uso indevido desta obra constitui crime e está sujeita a coima ou pena de prisão.

Os livros da Eucleia Editora respeitam as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Esta tradução foi publicada com o apoio financeiro do NORLA (Norwegian Literature Abroad).

V 3

Para o Espen, o Åsmund, a mãe e o pai.

SEMPRE GOSTEI de acabar coisas. Tapa-orelhas, inverno, primavera, verão, outono. A vida de trabalho do Epsilon. Conforma-te. E esta impaciência teve consequências quando, uma vez, o Epsilon me deu uma orquídea no meu aniversário. Uma orquídea não era o que eu mais queria; nunca percebi qual o interesse das flores, pois vão todas acabar por murchar. O que eu mais queria era que o Epsilon se reformasse. «Mas preciso de um refúgio da...», e ele parecia prestes a dizer «companhia a dois», mas então disse «nudez». «Estás a falar de mim?», perguntei. «Não vou mencionar nomes», disse ele.

Assim, comecei, ao invés, a despir-me para a orquídea e, em breve, os rebentos começaram a desabrochar, e ficou cheia de flores cor-de-rosa. «Gostava que tivesses o mesmo efeito sobre mim», disse o Epsilon.

As instruções da orquídea diziam que quando o desabrochar acabasse, deveria ser aparada, e assim as flores regressariam seis meses depois. Sentava-me, todos os dias, a olhar para a orquídea, perguntando-me se não desabrocharia em breve. Por fim, não aguentei

mais continuar à espera, e mais vale acabar com isto, disse para mim mesma, e cortei todas as flores, deixando apenas dois caules esguios.

«Que aconteceu aqui?», disse o Epsilon quando chegou a casa do trabalho. «Tinha de ser feito», disse eu. «Não desabrochava. Mas não é preciso preocupares-te, haverá novas flores daqui a seis meses, no outono. Se eu tivesse esperado mais tempo, poderíamos arriscar-nos a que não desabrochasse antes do inverno.»

Contudo, chegou o outono e o inverno e a primavera, e as flores não voltaram, a orquídea estava morta e, no meu aniversário seguinte, recebi uma almofada decorativa.

Agora que estou aqui deitada na cama, sou o oposto de impaciente, e gostaria de poder poupar o pouco que tenho de vida até saber o que fazer com ela. Mas não vale a pena, teria de ficar no congelador, e só temos um daqueles pequenos compartimentos de refrigeração no topo do frigorífico. Ouço, através da minha janela, pessoas a voltarem do trabalho, perguntando-se sobre o que terão ao jantar, e eu aqui deitada na cama. Tudo me lembra um livro que li uma vez.

Talvez devesse desligar a luz. Mas não vale a pena, pois a ceifeira consegue, de facto, ver no escuro, e encontrar-me-á de qualquer modo. Apalpo-me. As pernas. Os braços. Pergunto-me o que me vai levar. Dobro os dedos dos pés e das mãos. O lado esquerdo do meu corpo está, definitivamente, dormente. O direito também. Mas será certamente o coração. Era como uma uva antes do Epsilon, agora é uma uva passa. Ou talvez venham a ser as minhas amígdalas; não se pode confiar nelas.

Pode demorar muito tempo até que alguém se aperceba que morri. Li no jornal sobre um chinês que ficou morto no seu apartamento durante vinte anos, conseguiram determinar a data através de um jornal na mesa da cozinha, e, quando o encontraram, era um esqueleto com pijama. Também deverei acabar como um esqueleto em pijama. Ou talvez comece a cheirar mal e, ao início, os vizinhos pensarão que são aqueles paquistaneses no primeiro andar mas, quando também eles começarem a reclamar, alguém se vai lembrar da idosa do terceiro piso. «Mas ela não foi morta durante a guerra?», dirão eles. «Não», responderá June, o meu vizinho mais próximo. «Vi-a no último Natal. É melhor chamarmos o 112.»

Quando era pequena, estava sempre a sonhar sobre ser levada numa ambulância, e quando havia uma na vizinhança, fazia figas com os dedos e sussurrava: «Que seja eu, que seja eu», mas nunca era eu, as ambulâncias estavam sempre a afastar-se de mim, conseguia percebê-lo pelas sirenes. Agora, consigo ouvir outra vez as sirenes das ambulâncias ao longe, e deveriam vir até mim, pois tenho roupa interior lavada e vou morrer em breve. Mas está outra pessoa na ambulância, alguém já não responsável por si mesmo.

Está a escurecer lá fora, tento concentrar-me em algo útil, e a única coisa que interessa agora é o que direi como últimas palavras. «A probabilidade de morrermos é menor do que ϵ , sendo ϵ uma quantidade microscopicamente pequena», disse eu ao Epsilon. Não parecia coisa minha dizer algo deste género, e queria ter dito outra coisa.

Quero dizer algo importante, e ficar toda a noite deitada a tentar encontrar alguma coisa que rime. O meu instinto diz-me que ficarei por aqui. Mas a manhã chega, e sinto o quão esfomeada estou.

O Epsilon diz que, estatisticamente, o mais provável é que moramos na cama.

Talvez me deva levantar.

VIVE. APROVEITA O DIA. Estou no quarto, em frente à cama, não sei como aproveitar o dia. Por fim, decido começar com a necrologia, como habitualmente.

Porém, vou primeiro ao quarto de banho. Ainda estou com a roupa de ontem, e de todos os outros dias, o meu vestido preto. Ontem, foi particularmente preto. O Epsilon é um homem baixo, por isso não sei por que é que o espelho por cima do lavatório está pendurado tão alto, mas ele diz que é feliz desde que consiga ver a sua risca ao lado. Eu não consigo ver nada, estou demasiado curvada. Estico as costas e ponho-me nas pontas dos pés. Assim, consigo ver a metade superior do meu rosto no espelho, tal como Nøkken¹. É estranho que esta seja eu. Olho para os meus próprios olhos. Não vale a pena ter bom aspeto quando ninguém repara. Vou até ao corredor para ir buscar o jornal.

¹ Nota do Tradutor: Nøkken é uma das designações norueguesas para as nixes, figuras da mitologia nórdica que representavam espíritos das águas com forma humana. Nøkken ficava com metade da cabeça fora de água.

É possível que os meus vizinhos da porta ao lado, June e a sua mãe, saibam que existo. Mas não terão saudades minhas. São os únicos no prédio, além do Epsilon e de mim, que vivem aqui desde que o edifício foi construído, e lembro-me bem do June quando ele era pequeno. A mãe dele não consegue pronunciar o R, e foi possivelmente o pai dele quem pensou no nome, pois sei que se interessava mais do que a maioria das pessoas por antigas línguas escritas. E por contabilistas. A mãe dele é uma das poucas que eu conhecia bem, foi quando nos mudámos e eu não tinha experiência. «Olá», dizia eu, várias vezes ao dia. Depressa se tornou um pouco complicado. De manhã, não havia problema, mas depois encontrávamo-nos quando ela subia da cave onde se guardam as batatas e eu do coberto das bicicletas. «Olá», dizia eu novamente. Depois, podíamos encontrar-nos, um pouco mais tarde, do lado de fora da lavandaria, e habitualmente mais uma vez, algumas horas depois disso. Dizia «boa tarde» e «olá, novamente» com um sorriso forçado. Em seguida, quando saía com o lixo, enquanto ela estava fora a fazer qualquer recado, tinha de fingir ter uma fraca visão noturna e não a ver. Apalpava o caminho até ao contentor do lixo com as mãos, antes de voltar a dizer «olá» na manhã seguinte, e uma nova e embaraçante dança das cadeiras começava. Foi um alívio quando o marido a deixou pelo contabilista do andar de baixo e ela deixou de sair do apartamento. O June ainda era menor de idade, mas tinha de fazer todos os seus recados – talvez não seja assim tão estranho que não se tenha tornado um adulto agradável. Nunca cumprimenta o Epsilon nem a mim quando nos encontra, e eu também não o cumprimento, já agora. Depois de aquela mulher surda do prédio se mudar, deixei todos os gestos sociais para o Epsilon.

«Ora viva», diz o Epsilon, mas o June não diz nada, embora nos tenha mostrado o dedo uma vez. «Muito bonito, aquilo», disse o Epsilon, e não estava a tentar ser irónico, o Epsilon nunca é irónico. «Nunca vi esse tipo de saudação antes», disse ele. «Deve ser algo que aprendeu nos escuteiros.»

Ora, o June ou a sua mãe espreita pela frincha da porta precisamente no mesmo momento que eu, de modo a levantar, de manhã, o jornal do tapete de entrada, e é sempre igualmente estranho quando isso acontece.

Sento-me à mesa da cozinha com as minhas fatias de pão. Na minha segunda tentativa, abro o jornal na página certa. Quando estou no centro comercial de Tveita e compro bolinhos de coco, como sempre o bocadinho amarelo no meio primeiro, e enquanto a lista de todos aqueles que foram à falência é o coco ralado do jornal, a necrologia é o creme de baunilha amarelo. Hoje, sinto-me aliviada por não encontrar lá o meu nome. Embora fosse bom ter um obituário como prova da minha existência, e pergunto-me se se pode submeter o próprio obituário em adiantado e pedir ao jornal para o imprimir quando chegar o momento. Costumava ler a necrologia apenas para me regozijar sobre aqueles a quem sobrevivera, mas agora sinto que, de facto, não importa, pois em todo o caso só vivemos um instante.

Assim, abraçamos-te intensamente no nosso coração, onde deverás habitar pacificamente, celebrar-te-emos, e a tua recordação nunca perecerá.

Imaginem que alguém se lembrava quão atraente e inteligente e engraçada eu era, e que se eu tivesse tido filhos estes poderiam ter herdado os meus talentos, quaisquer que sejam e que, principalmente, a minha máxima seria transmitida: «Lembra-te sempre de

juntar os lábios com uma ligeira expiração de ar quando alguém te tirar uma fotografia, minha querida filha.» Porque a natureza só está interessada na preservação e na continuação da espécie; pouco se importa com os indivíduos, e a natureza quer mesmo que os indivíduos vivam o menos possível, de modo que as gerações possam mudar rapidamente e a evolução decorra mais depressa, o que é uma vantagem na luta pela sobrevivência.

«Assim, a natureza comporta-se de um modo que entra em conflito direto com os nossos interesses enquanto indivíduos», disse o Epsilon. «Não é o que sempre disse?», perguntei. O Epsilon tinha sempre o nariz enfiado num livro desde que o Stein morrera. «O que estás a ler?», perguntei. «Estou a ler o que Schopenhauer tem a dizer sobre a morte», disse o Epsilon. «Estou a tentar apaziguar-me com o facto de o Stein já não estar entre nós.» «Mas não és religioso?», perguntei. «Não», disse o Epsilon. «Então esperas encontrar outra solução para o Stein?», disse eu. O Epsilon anuiu com a cabeça: «Sim, talvez.» «Schopenhauer tem algo sensível para dizer?», perguntei. «A ideia de que o Stein teria sobrevivido como algum tipo de vontade universal parece um pouco deslocada», disse o Epsilon, «mas a de que ele sobrevive como a espécie cão poderia ter algumnexo.» «Então, se eu imaginar um cão num jardim há mil anos, lá parado a comer erva como solução para todos os seus problemas, seria, de certo modo, o mesmo cão lá parado a comer erva hoje em dia?», disse eu. «Isso não me alegra de todo, já que o Stein era o Stein.» «Schopenhauer diz que tens de ultrapassar a conceção de Stein enquanto indivíduo», disse o Epsilon. «Tens de o identificar com o todo; como uma parte do todo, ele tem realmente garantida uma vida enquanto cão por um longo período de tempo.»

Agora, penso que também tenho de ultrapassar uma conceção de mim enquanto indivíduo e identificar-me com o todo, mas não o consigo – estou tão afastada do todo quanto uma pessoa pode estar. Mas talvez não seja demasiado tarde, e penso na possibilidade de alguém reparar em mim durante a minha ida até à loja. Mas não sei o que, então, deveria fazer, caso isso acontecesse – provavelmente nada –, e talvez os desapontasse. Nunca ouvi falar de alguém se impressionar com nada, e não gosto de desapontar as pessoas.

Tenho de ficar à porta de entrada e olhar pelo olho mágico durante muito tempo. Contudo, não me queixo. É pior para aqueles que têm de usar um monóculo por causa de fraca visão. Espero até os vizinhos do meu andar e os de cima terem saído, e até a porta de entrada do rés-do-chão ter sido fechada várias vezes, e então saio. Não faço compras aos fins de semana, há demasiadas pessoas a circular, e o Epsilon está em casa. Desço lentamente as escadas entre os andares e passo rapidamente pelas portas e caixas de correio dos vizinhos. Uma vez, o meu nome estava num catálogo de encomendas postais e quase comprei «a divertida e muito especial cabeça plástica do alce cantor, que reage aos movimentos cantando e que espalha o riso e o bom humor, um alce que poucos se podem gabar de ter». Mas o Epsilon conseguiu impedi-lo.

Quando estou fora de casa, obrigo-me a olhar para cima. Belo sol, penso, antes de voltar a olhar para baixo, para coisas que surgem na berma da estrada. Já faz um mês que o obituário do cangalheiro apareceu no jornal.

«Morreu de causas não naturais», disse eu. «Lamento ouvi-lo», disse o Epsilon, que parecia mais incomodado com o facto de não conseguir abrir o fecho do casaco. «Mesmo assim, o cangalheiro de-

veria ter ficado contente por ter conseguido atingir a idade esperada para um homem», disse eu.

Mas agora não tenho tanta certeza. Já não tenho tanta certeza de nada. Hoje em dia, a comuna parece o que um conservador de Makrellbekken esperaria de uma cooperativa de habitação na ponta leste da cidade, e embora tenha dado a volta ao quarteirão algumas vezes, surpreendo-me com a visão de um bolinho de coco na cerca.

Duas mães com carrinhos de bebé estão sentadas na relva à frente do prédio, e não reparam em mim, apesar de eu estar a olhar menos para o asfalto do que usualmente olho, o que não faz mal, já que vi num programa televisivo que já não se diz «bom dia», mas sim «hei, mano», e não me sentiria bem ao dizer isso.

Sigo o caminho ao longo do comprido relvado entre os prédios, e depois há uma estrada em gravilha por entre algumas árvores – estou na ponta da floresta de Østmarka e são só cinquenta metros até à outra ponta. Depois disso, sigo a longa colina, passando pela igreja que mais parece uma piscina e, por último, continuo até à loja. Caminho com um passo decidido, mas hoje em dia já não suo.

Do outro lado da ponte, atrás da loja, fica o centro de terceira idade, que finjo ser uma discoteca ou escola de dança ou outra coisa qualquer que não me interessa visitar. Andei na escola de dança quando tinha doze anos. Todos queriam dançar com a querida Ellisiv, e as outras crianças organizaram um sistema de fila entre elas. Por vezes, quando menos o esperavam, ela escorregava ligeiramente para trás com a sua cadeira de rodas e assustava-os de propósito. Quanto a mim, dançava sozinha, sendo durante meia hora a rapariga e, na outra meia hora, o rapaz.

Dentro da loja está mais fresco do que lá fora. Acabaram de abrir. Na verdade, prefiro que haja mais clientes do que somente eu, para não atrair a atenção. Normalmente, compro o que as outras pessoas compram; ter bacalhau cozido para o jantar serve-me bem quando a mulher à minha frente na fila também vai comer bacalhau cozido. «Não somos os únicos a comer bacalhau cozido hoje», digo ao Epsilon, pois sei que o aprecia.

Tiro algumas maçãs do stand da fruta. Depois de Chernobyl, passei a descascar sempre as maçãs ao Epsilon, para que o seu cérebro não fosse influenciado pela atividade de rádio na casca. Quanto às minhas, limito-me a esfregá-las um pouco no meu vestido. Encontro o queijo castanho – o Epsilon gosta de queijo castanho. Prefiro compota de morango, mas os frascos de vidro são impossíveis de abrir. O Epsilon não ajuda nada nisso. Também gosto de pickles, já agora. Ocorre-me que poderia pedir a um dos funcionários da loja para me abrir o frasco, e depois poderia só atarraxar a tampa ao de leve até chegar a casa, e abro caminho até ao local onde está a compota de morango. Há imensos frascos, do chão ao teto, e embora me curve para trás e apoie as mãos nas ancas, não consigo ver onde acabam. Parece que todas as marcas têm tampa de atarraxar, por isso limito-me a escolher uma ao acaso.

Para minha frustração, ambos os empregados estão nas caixas, apesar de eu ser a sua única cliente. Não quero que nenhum deles se sinta preterido. Mas nem sequer parecem reparar em mim, pelo que escolho o rapaz novo. Acho que a rapariga foi contratada através de uma quota, é o que parece. Coloco as minhas compras no tapete rolante, o rapaz continua a falar com a rapariga na caixa à sua frente. Passa o frasco na máquina antes que consiga ganhar coragem para lhe pedir

que o abra. Não diz quanto custa, mas consigo vê-lo no ecrã. Quando ponho o dinheiro na sua mão esticada, estou perto das suas unhas, mas ele não sabe. Tenho o meu saco de pano comigo, não quero pedir um dos de plástico que guardam debaixo do balcão; pergunto-me que mais terão lá debaixo. Ponho as compras no meu saco e vou-me embora. Se fosse raptada cinco minutos depois, o rapaz teria dito à polícia que lhe mostrasse a minha fotografia que nunca me vira antes.

Custa subir a colina atrás da igreja, e na pequena floresta sinto pouca alegria com a erva que ficou verde nas bermas do caminho. Mas então vislumbro, atrás de uns arbustos, um par de pernas. Paro. Ali, na berma da estrada à minha frente, está um homem com calças um pouco curtas demais para ele. Tenho a sensação de que está à minha espera. Se calhar, é um daqueles que vive na casa de abrigo perto da igreja. Parece o homem que vi no nosso relvado durante aquela onda de calor tropical que tivemos no verão passado. Mexeu-se como um limpa-para-brisas num carro, dobrando-se sobre o bebedouro enquanto tentava matar a sede. Quero voltar atrás, mas isso seria muito notório – e se ele se ofende? Tenho de continuar a caminhar em frente e agir normalmente. Para mostrar quão despreocupada estou, tento assobiar, mas só sai ar e nenhum som, é como se estivesse a tentar apagar uma vela. Quando estou a apenas alguns metros de distância dele, olha diretamente para mim e eu paro de soprar, mas continuo a andar. «Desculpa», diz ele, «tens horas?» Dilo como se fosse a coisa mais natural do mundo, e talvez seja, que sei eu sobre as horas. O meu relógio está no sótão, juntamente com o almanaque do meu último ano na escola. «São nove e meia», digo ao passar por ele, as minhas pernas mexendo-se sozinhas. «Obrigado», diz ele. «De nada», digo, e acaba tudo em poucos segundos.